

EM DEFESA DOS VAREJISTAS

(Especial para o "Correio do Povo")

3-12-56.

GUSTAVO CORÇÃO

Em maio do ano passado, o sr. Juscelino anunciou à nação que os preços começavam a baixar, e acrescentou: "Considero um ponto de honra não consentir que continue a vida pela hora da morte, como se diz na certa e expressiva linguagem do povo". Muito bem. Qual será agora o termo que devemos procurar na expressiva linguagem do povo para traduzir fielmente o que pensamos daquele ponto de honra? Os preços cresceram, crescem e crescerão. O governo procura pôr o funcionamento a velha tática do divisionismo, que funcionou tão bem nos tempos de Vargas, açulando uma parte do povo contra outra, pondo inimizade entre o colégio e a família, trazendo discordia entre o consumidor e o varejista. O Presidente da República acusa oficialmente o comércio e diz que a simples discussão da revisão de um imposto "forneceu pretexto para remarcação altilista de preços". Coitados dos varejistas! Agora, diante da ameaça mortal do congelamento, o sindicato moveu-se, organizou reuniões e houve muitos discursos amargos em que se disse que os verdadeiros ladrões eram os atacadistas e que o Presidente da República estava mal informado. Meus amigos açougueiros, leiteiros e vendedores de secos e molhados, eu não poria a mão no fogo por vocês se estivesse encaminhado um processo de canonização coletiva dos varejistas desta praça. Vocês estão longe do paradigma da santidade. Aqui entre nós, vocês hão de reconhecer que há uma curiosa tendência nas balanças, nas faturas, no número de latas de golabada, pela qual o erro sempre ocorre na mesma sistemática direção. Mas depois dessa ressalva não hesito em declarar que considero a classe dos varejistas como uma das mais honradas do país. Oitenta ou noventa por cento dos vereadores, dos deputados e dos senadores praticam maiores desfalques contra o bem comum do que o açougueiro que me dá oitocentas gramas de carne em vez de mil. Oitenta ou noventa por cento dos funcionários

públicos, e mais especialmente aqueles que são destacados para fiscalizar os negociantes, são menos honestos do que o meu pai-deiro. O açougueiro que vende oitocentas gramas por mil ainda entrega alguma coisa real, maciça, carnal, ao pobre consumidor. O congressista faltoso recebe dinheiro e nada dá em troca. O prevaricador, este não recebe dinheiro e ainda rouba do consumidor. Muita coisa se passa nas Câmaras que pode ser comparada a uma operação em que eu pagasse ao açougueiro o preço de um quilo de carne e êle em vez de me dar um quilo, ou mesmo oitocentas gramas, ainda me exigisse a bolsa ou o relógio. Pense, amigo leitor, nos marechais de pijama e comparem êsse fenômeno com o pequeno desvio da balança do vendeiro. Pagamos-lhes 87 contos por mês e eles não nos dão nada, absolutamente nada. A professora pública posta à disposição de algum gabinete, para não ter de enfrentar as durezas do officio, também rouba no peso dos vencimentos que recebe. Os varejistas, com certa intuição da lei do fenômeno, apontaram os atacadistas como "os verdadeiros ladrões". Apontaram para o alto, e acertaram porque efetivamente o grau da ladronagem, nos países des-governados, cresce na razão direta do prestígio, razão inversa do quadrado da distância que separa o personagem do nível comum onde andamos nós outros, pequenos consumidores ou pequenos lojistas.

Eu acho que a oposição devia tomar a defesa do varejista. De-vi explicar ao povo que as reclamações de carestia devem dirigir-se aos seus verdadeiros autores e não ao pobre do açougueiro. O povo precisa aprender rudimentos de economia e finança. As donas-de-casa precisam saber que não é a vida que está cara, que não são as coisas uma por uma, a carne, o pão, o leite, etc. que são tão caras. O que está caro, minha senhora, é o governo que temos. Caro, caríssimo. Ele é que nos custa os olhos da cara. Ele é que está pela hora da morte.